



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

HISTÓRIA - LICENCIATURA

COMO ALGUÉM SE TORNA UM PROFESSOR?

Memórias e práticas docentes de professores de História formados pela UNILA

NICOLLAS DE SIQUEIRA KUGLER SAMPAIO

Foz do Iguaçu
2025

COMO ALGUÉM SE TORNA UM PROFESSOR?

Memórias e práticas docentes de professores de História formados pela UNILA

NICOLLAS DE SIQUEIRA KUGLER SAMPAIO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

Orientadora: Profa. Dra. Juliana Pirola da Conceição

Foz do Iguaçu
2025

NICOLLAS DE SIQUEIRA KUGLER SAMPAIO

COMO ALGUÉM SE TORNA UM PROFESSOR?

Memórias e práticas docentes de professores de História formados pela UNILA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Juliana Pirola da Conceição
UNILA

Prof. Tiago Costa Sanches
UNILA

Profa. Carola Gabriela Sepúlveda Vásquez
UNILA

Foz do Iguaçu, ____ de _____ de ____.

AGRADECIMENTOS

Agradecer a quem? A todos que passaram por essa jornada, amigos que vieram e que se foram. A formação docente no Brasil não é fácil, passamos quase toda a graduação criticando e produzindo conteúdos quanto a escola e a atuação docente, que me fez refletir sobre essa prática e, por conseguinte, realizar este trabalho.

Porém nesse momento de conclusão, ou quase isso, tenho que agradecer a minha família por me apoiar em uma ideia sem cabeça como essa, Léa, Luzia, Débora, Thiago, que me incentivaram tanto a continuar nessa caminhada, como muitas vezes financeiramente, também a meu irmão Matheus, que por mais longe que a graduação tenha me deixado sempre guardo um enorme carinho. Ao meu amigo Victor, que esteve junto em praticamente toda a graduação, compartilhando ideias e momentos.

Também agradeço aos meus amigos do Ecomuseu, Tamiris, Assucena, Glaci, Helio e todos os outros que permitiram meus dias serem um pouco mais leves e com diversão no trabalho, mesmo estando longe e desligado por muitas das vezes.

Não sou bom com sentimentos, não me expesso bem, mas acredito que o período da graduação é uma caminhada de autoconhecimento, descobertas e frustrações, espero terminar o curso, já que ainda me faltam matérias, mas por enquanto é o início de um processo que ainda me parece muito incerto e sinceramente estranho, que talvez este trabalho tenha me acalmado um pouco, pois demonstra que existe um caminho que foi percorrido por outros igual a mim.

RESUMO

Este trabalho investiga como professores de História formados pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) constroem sua identidade profissional e enfrentam os desafios da docência. A questão central foi: como alguém se torna professor de História na UNILA? Para responder, adotou-se a metodologia da História Oral, por meio de entrevistas realizadas em fevereiro de 2025 com três egressos do curso de História – Licenciatura, todos com experiência mínima de dois anos na educação básica. As entrevistas, com roteiro previamente estruturado e duração média de 40 minutos, foram gravadas com autorização dos participantes, que também permitiram o uso de seus nomes verdadeiros. Os resultados indicam que a formação na UNILA é marcada pelo multiculturalismo, pela centralidade dos Estágios Supervisionados e dos Laboratórios de Ensino, e pela valorização da América Latina como eixo curricular. Essa experiência contribuiu para consolidar práticas críticas e reflexivas, estimulando a articulação entre teoria e prática. Contudo, foram apontadas lacunas, como a ausência de conteúdos tradicionais (História Antiga e Medieval) e as dificuldades estruturais da docência no Brasil, agravadas por políticas educacionais recentes. Conclui-se que a UNILA oferece uma formação singular, que estimula professores a valorizar a diversidade cultural e a desenvolver uma prática pedagógica crítica, mesmo diante das limitações impostas pelo contexto educacional.

Palavras-chave: Formação docente; Identidade profissional; UNILA; História oral.

RESUMEN

Este trabajo investiga cómo los profesores de Historia formados en la Universidad Federal de Integración Latinoamericana (UNILA) construyen su identidad profesional y enfrentan los desafíos de la docencia. La cuestión central fue: ¿cómo alguien se convierte en profesor de Historia en la UNILA? Para responder, se adoptó la metodología de la Historia Oral, mediante entrevistas realizadas en febrero de 2025 a tres egresados de la carrera de Historia – Licenciatura, todos con una experiencia mínima de dos años en la educación básica. Las entrevistas, con un guión previamente estructurado y una duración promedio de 40 minutos, fueron grabadas con la autorización de los participantes, quienes también permitieron el uso de sus nombres verdaderos. Los resultados indican que la formación en la UNILA se caracteriza por el multiculturalismo, la centralidad de las Prácticas de Enseñanza Supervisadas y de los Laboratorios de Enseñanza, así como por la valoración de América Latina como eje curricular. Esta experiencia contribuyó a consolidar prácticas críticas y reflexivas, estimulando la articulación entre teoría y práctica. No obstante, se señalaron vacíos, como la ausencia de contenidos tradicionales (Historia Antigua y Medieval) y las dificultades estructurales de la docencia en Brasil, agravadas por las políticas educativas recientes. Se concluye que la UNILA ofrece una formación singular, que impulsa a los docentes a valorar la diversidad cultural y a desarrollar una práctica pedagógica crítica, incluso frente a las limitaciones impuestas por el contexto educativo.

Palabras clave: Formación docente; Identidad profesional; UNILA; Historia oral.

INTRODUÇÃO

Como alguém se torna professor? Em que momento essa decisão é tomada? Este trabalho nasce de uma inquietação pessoal: a de uma pessoa que nunca aspirou atuar como docente, mas que o processo de descobertas da graduação, foi atravessado por experiências, professores e pela vontade de compreender os fenômenos ao seu entorno, o que levou, na contra maré, a assumir a profissão.

A UNILA é um espaço único de formação. Criada em 2010 com o propósito de promover a integração latino-americana, a Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), localizada em Foz do Iguaçu, no Paraná, se diferencia pelo caráter multicultural da comunidade acadêmica, que reúne estudantes de diferentes países em um mesmo projeto pedagógico. Para isso, 50% das vagas de todos os cursos de graduação e pós-graduação são destinadas a estudantes de diferentes países da América Latina e do Caribe, sendo permitido, ocasionalmente, o ingresso de estudantes de outras partes do mundo pelos editais de seleção de refugiados, portadores de visto humanitário e seleção de alunos indígenas. Por isso a UNILA é tão única, porque vai na contramão do senso comum, um lugar que tenta promover um espaço de inclusão e alteridade, além de sedimentar uma perspectiva de mundo diferente, um mundo onde a diversidade seja símbolo de avanço, a heterogeneidade seja prestigiada, considerada e respeitada, utilizando como o princípio essencial a própria ciência.

Mas não é um espaço perfeito. Longe disso. A UNILA também carrega contradições, disputas internas e problemas de organização. Às vezes, a inclusão que tanto se prega esbarra em barreiras que ainda existem. Mesmo assim, sigo me perguntando: se não fosse na UNILA, onde mais encontraríamos uma universidade que ousa romper com o senso comum e tenta construir um espaço onde a diversidade é, de fato, fundamento do conhecimento?

Diante disso, as perguntas que orientaram este estudo foram: como se formam os professores de História na UNILA? Como essa formação na UNILA prepara para os desafios da sala de aula? A história da América Latina é um eixo central da formação na UNILA, como essa temática se reflete na prática docente de quem se formou pela UNILA? Para responder a essas e outras questões entrevistei três professores de História, egressos do curso de História - Licenciatura da UNILA, todos com pelo menos dois anos de experiência docente na educação básica. O objetivo era refletir sobre como suas vivências acadêmicas e profissionais contribuíram para a construção de suas identidades docentes. De forma mais específica, buscou-se compreender como a formação inicial na UNILA, marcada pelo multiculturalismo e pelos espaços de prática como os estágios e os laboratórios de ensino, se reflete em práticas docentes.

As entrevistas foram realizadas em fevereiro de 2025 e tiveram como base um roteiro previamente estruturado, composto por 20 perguntas. O roteiro buscou assegurar que certos temas centrais fossem discutidos, mas permitindo que cada entrevistado compartilhasse livremente suas memórias, percepções e experiências. Os entrevistados, por sua vez, foram contactados a partir de redes pessoais com discentes e docentes da universidade, já que muitos alunos retornam aos seus países e estados de origem após a conclusão do curso.

Além das entrevistas, este trabalho também se apoiou em referenciais teóricos que discutem a formação docente e a construção da identidade profissional. A base do roteiro, o preparo para as entrevistas e as dinâmicas que permeiam a prática, foram ancorados nas discussões do campo da História oral, por meio do diálogo com Paul Thompson (2005) e Alessandro Portelli (2016), cujas obras foram centrais para a escolha metodológica das entrevistas e a valorização das narrativas pessoais como fontes históricas. Em um primeiro momento, essas leituras foram essenciais para compreender a subjetividade dos relatos pessoais e os processos de formação e atuação docente.

Ao longo do estudo, no entanto, percebeu-se que somente as leituras sobre História Oral não seriam suficientes para refletir sobre a formação docente e outros autores foram incorporadas ao debate, como António Nóvoa (2002, 2019) e Maria do Céu Mogarro (2005), que trouxeram reflexões fundamentais sobre os desafios da docência em tempos de transformações estruturais na escola e na sociedade. Por fim, as contribuições de Jorge Larrosa (2011) se tornaram fundamentais para este trabalho, especialmente no que se refere ao conceito de “experiência”, entendido como um espaço formativo, pessoal e subjetivo, algo que nos acontece e deixa marcas, uma prova de que algo realmente nos acometeu, o que é essencial para compreender o processo subjetivo de tornar-se professor.

Este trabalho é, portanto, resultado de um caminho que também é meu. Nele, não busco apenas entender como outros colegas viveram a experiência de se tornarem professores, mas também encontro caminhos para a minha própria jornada. Afinal, tornar-se professor é um processo cheio de descobertas, contradições e experiências que nos atravessam e nos transformam.

Cabe destacar que o curso de História – Licenciatura da UNILA foi criado em 2015 e, neste ano de 2025, completa sua primeira década de existência. Esse marco simbólico reforça a pertinência da pesquisa: ouvir os egressos do curso e compreender suas trajetórias docentes é também uma forma de refletir sobre os dez anos de caminhada do curso e sobre a contribuição singular que ele oferece à formação de professores de História no Brasil e na América Latina.

1. MEMÓRIA, IDENTIDADE E EXPERIÊNCIA DOCENTE

A memória ocupa lugar central na constituição da identidade docente. Cada professor carrega em sua trajetória marcas de experiências escolares anteriores, referências de professores que teve e valores construídos ao longo da vida. A História Oral, ao privilegiar narrativas e relatos pessoais, permite acessar esse conjunto de lembranças e interpretações, valorizando aspectos subjetivos e singulares da formação. Mais do que um simples registro de fatos, para a História Oral as entrevistas se configuram como espaços de diálogo, em que entrevistador e entrevistado fazem trocas (Portelli, 2016). Ambos os lados se analisam e fazem julgamentos, uns sobre os outros, interpretam as falas, as maneiras de se portar, a indiferença a certa informação ou o interesse a determinado tema.

O observado também nos observa e nos julga a partir de comportamentos dos quais sequer estamos conscientes. [...] Em outras palavras: é a abertura do historiador para a escuta e para o diálogo, e o respeito pelos narradores, que estabelece uma aceitação mútua baseada na diferença, e que abre o espaço narrativo para o entrevistador entrar. Do outro lado, é a disposição do entrevistado de falar e de se abrir em alguma medida que permite que os historiadores façam seu trabalho. E a abertura dos historiadores sobre eles mesmos e sobre o propósito de seu trabalho é um fator crucial na criação desse espaço (Portelli, 2016, p.15).

No campo da educação, o uso de entrevistas tem se mostrado fundamental para compreender como os professores se reconhecem em sua prática e reelaboram suas experiências (Reis, 2008). Ao narrar seu percurso, o docente reconstrói não apenas acontecimentos, mas também significados atribuídos à profissão, refletindo criticamente sobre sua atuação. Assim, as narrativas docentes permitem investigar como a formação inicial, as vivências institucionais e o cotidiano escolar deixam marcas e se entrelaçam na construção de uma identidade e prática docente.

Mas ainda é necessário olhar a instituição escolar em toda a sua complexidade, pois é um espaço repleto de disputas. Da *Cultura Escolar* a suas implicações históricas. É preciso reconhecer o professor como parte desse mecanismo social e estatal, marcado por tensões e responsabilidades próprias. Ao buscar compreender o subjetivo das experiências nas trajetórias desses sujeitos, podemos olhar a docência dentro um maior número de perspectivas, pois é uma profissão singular em meio a outras.

Os professores, quando contam histórias sobre algum acontecimento do seu percurso profissional, fazem algo mais do que registrar esse acontecimento; acabam por alterar formas de pensar e de agir, sentir motivação para modificar as suas práticas e manter uma atitude crítica e reflexiva sobre o seu desempenho profissional. Através da construção de narrativas os professores reconstruem as suas próprias experiências de ensino e aprendizagem e os seus percursos de formação. Desta forma, explicitam os conhecimentos pedagógicos construídos através das suas experiências, permitindo a sua análise, discussão e eventual reformulação (Reis, 2008, p. 4).

Priorizando analisar as subjetividades, contribui para produzir conhecimentos que falem mais sobre *nós*, como sujeito docente, e menos sobre os *outros*. As “abordagens etnográficas” ganharam espaço em relação às epistemologias positivistas, que forneciam interpretações generalistas e quantitativas das relações humanas, valorizando a subjetividade na compreensão da realidade (Mogarro, 2005; Reis, 2008). As abordagens etnográficas foram produto dos avanços das ciências da antropologia e sociologia, que produzem suas ciências analisando as práticas cotidianas da realidade. Essa aproximação natural que as ciências sociais traziam em sua base, permitiu que desenvolvessem teorias e metodologias que conversassem mais com o tangível, auxiliando a ciência da História.

A escola se revela, então, esse espaço aproximado, tangível e com muitas camadas. Existe a direção, a secretária, os alunos, os pais dos alunos, as “tias” do pátio, da cantina e temos o professor, que talvez seja o símbolo mais universal da instituição escolar. O professor passa longe de ser uma posição desierarquizada nessa *sociedade*, mas a complexidade da atuação docente é por vezes desqualificada e reduzida a uma reprodução factual de conteúdos, sem reflexão crítica ou engajamento social.

Essa desqualificação profissional acaba por respaldar toda a comunidade escolar, e o professor “símbolo dessa sociedade do conhecimento” (Nóvoa, 2002, p. 22) é reduzido a esse mero reproduzidor dos fatos, quando não exerce essa reprodução de maneira eficaz se torna obsoleto. A aproximação desses indivíduos docentes, em busca de uma compreensão mais detalhada dessa prática tão polarizada dentro do contexto nacional atual, se faz de maneira contundente através da valorização das narrativas e histórias docentes, valorizando suas experiências na construção do conhecimento (Reis, 2008).

A instituição escolar face a uma “Metamorfose Estrutural”, em concomitância ao avanço de políticas neoliberais, tende a reproduzir em seu espaço dois pilares: o da *privatização* e da *individualização* (Nóvoa, 2019, p.4). Estes dois fenômenos produzem uma escola cada vez mais distante do espaço que ela deveria alcançar, a comunidade onde está inserida. E as demandas docentes, nessa relação mercantilizada do processo de ensino-aprendizagem, é cada dia mais negligenciada, o professor já não deve somente se preocupar com suas obrigações docentes, senão, também como um gestor de sala, é forçado a pensar em questões extra-escolares, individualizando e sobrecarregando cada vez mais sua atuação docente.

O professor, novamente, é sucateado e escanteado durante todo o processo de sua formação e identificação profissional e quando finalmente assume uma posição de “professor efetivo”, suas reivindicações não são pautadas, reproduzindo a continuidade da condição profissional docente nessa conjuntura. Formando professores “semi-ignorantes”, não por problemas subjetivos, mas por

um projeto que propositalmente entrega professores reprodutores de fatos, tendência sustentada pela alta taxa de licenciaturas em instituições privadas, em modelo de ensino à distância que tanto atinge as IES (Instituições de Ensino Superior) no Brasil.

Formação Docente - Das mais de 1,7 milhões de matrículas em licenciaturas, 67,1% (1.148.576) foram registradas em instituições privadas e 32,9% (562.407), nas públicas [...]. ao analisar somente a rede privada, verifica-se que 90% das matrículas foram em cursos EaD. Quando se trata do ingresso em cursos de licenciatura, nota-se que, na rede pública, 70,2% deles ocorreram em cursos presenciais. Em contraponto, na rede privada, 93,5% dos alunos ingressaram na EaD. (Brasil, INEP, 2024).

Para a superação dessa nova/velha conjuntura escolar, Nóvoa (2019) propõe um relacionamento mais aproximado entre três vértices da profissão docente: Universidade, Escola e Professor. Esses três pilares poderiam, caso aproximados, desenvolver um ecossistema que pudesse sedimentar uma atuação docente mais crítica e comprometida com a própria metamorfose escolar e social, se aproximando, principalmente, da comunidade em torno da academia/escola.

Programas como o PIBID, que está em vigência no Brasil há quase 20 anos, são exemplos de projetos que unem as três vértices propostas por Nóvoa (2019), onde existe um intercâmbio entre professores e futuros professores, com os pesquisadores da universidade e os professores do ensino de base, assim fortalecendo trocas de experiências e conhecimentos produzidos por todas as partes.

Mas afinal como alguém se torna professor? Qual o impacto que a formação inicial pode exercer nesse processo de identificação profissional? Pesquisadores que já se debruçaram sobre esse tema (d'Ávila, 2007; Nóvoa, 2002, 2019; Mogarro, 2005) destacam o processo subjetivo da identificação profissional de cada indivíduo. Porém segundo esses estudos, a maneira como estudantes de graduação, futuros professores, se identificam com a docência é através da sua própria experiência como aluno, por vezes antes da universidade, nos anos iniciais e, principalmente, no ensino fundamental.

A identidade profissional docente se encontra ancorada em experiências ancestrais, em grande parte, na experiência de vida de cada um como estudante em nível primário e/ou secundário. Esse período portanto, vivido pelas pessoas, pode lhes fazer eclodir as primeiras identificações com a profissão. É nesse momento portanto, que se iniciam as primeiras identificações e que o sujeito pode vir a elaborar seus modelos ideais de ensino e de como vir a ser professor. É um tipo de identificação antecipada para o grupo dos professores, porque enquanto estudantes vão adquirir normas, valores, crenças e modelos comportamentais dos membros do seu “grupo de referência” (d'Ávila, 2007, p. 229).

Ou seja, a formação inicial como docente não está exclusivamente vinculada à identidade profissional, já que se demonstra um processo de longa duração. Não se nega a influência exercida pela formação inicial na produção de uma identidade docente, mas afirma-se que, em muitos casos, as experiências como aluno são mais determinantes e se fixam de maneira referencial na memória dos professores.

Os episódios e os contextos da profissão e da formação remetem-nos para os condicionalismos experimentados e progressivamente descobertos pelo professor, desde a fase de principiante, quando faz a sua entrada na profissão. Neste sentido, os valores da formação perpassam nas suas experiências e estão sempre presentes, como parte do conjunto de normas e regras próprias do exercício profissional. Por seu lado, a consciência social e política, que foram adquirindo ao longo da vida, acaba também por integrar o processo de construção do conhecimento profissional, independentemente das opções que tomaram. (Mogarro, 2005, p. 18).

Memória, identidade e experiência se entrelaçam de forma indissociável na constituição da docência. Nesse sentido, o uso das fontes orais para estudar quanto ao conhecimento da vida escolar é artifício fundamental nas pesquisas em educação, destacando singularidades próprias, histórias e memórias das mais diferentes perspectivas e espaços de atuação que só podem ser acessadas através de narrativas orais. Elas permitem acessar dimensões subjetivas e experiências que dificilmente aparecem em documentos oficiais, estatísticas ou análises puramente quantitativas. Ao dar voz aos professores, torna-se possível compreender sentimentos, dilemas e estratégias de sobrevivência que atravessam o cotidiano docente, revelando lacunas que muitas vezes permanecem invisíveis em outros estudos. Assim, a História Oral não apenas complementa, mas amplia o horizonte das pesquisas educacionais, colocando no centro a experiência vivida e o saber produzido pelos próprios professores.

2. A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE HISTÓRIA NA UNILA

O curso de História – Licenciatura da UNILA foi criado em 2015, junto a outras licenciaturas da universidade, e em 2025 completa sua primeira década. Antes de sua criação, a universidade já contava com o curso de História – Bacharelado, denominado “História – América Latina”, desde sua fundação em 2010. A licenciatura surgiu por iniciativa dos próprios docentes que atuavam no bacharelado, como resposta tanto às demandas institucionais da UNILA quanto às necessidades da cidade de Foz do Iguaçu.

O curso de História – Licenciatura da UNILA tem como proposta formar professores comprometidos com a crítica ao eurocentrismo e com a valorização da diversidade cultural, étnica e social da América Latina. Sua matriz curricular integra ensino, pesquisa e extensão, equilibrando conteúdos tradicionais da historiografia com disciplinas voltadas às experiências históricas latino-americanas e às demandas regionais, como História da Fronteira Trinacional, História e Gênero na América Latina e História dos Povos Originários. O perfil do egresso, conforme indica o Projeto Pedagógico do Curso (PPC), é o de um docente com sólida formação teórica e pedagógica,

capaz de articular saberes acadêmicos e escolares, atuar de forma interdisciplinar, valorizar os saberes dos educandos e intervir criticamente na realidade social (UNILA, 2018).

Essa estrutura difere do padrão nacional, em que a maioria das licenciaturas é oferecida por instituições privadas e, em grande parte, na modalidade à distância. Em contrapartida, a UNILA aposta em uma formação presencial, crítica e interdisciplinar, que pretende articular teoria, prática e compromisso social com a América Latina.

Apesar da proposta inovadora, a formação em História na UNILA enfrenta desafios. Um deles é a ausência de determinados conteúdos tradicionais, como História Antiga e Medieval, que continuam sendo exigidos em concursos e currículos escolares. Outro ponto refere-se às dificuldades estruturais da própria universidade, que, como qualquer instituição jovem, ainda consolida seus cursos e práticas. Além disso, o caráter multicultural da UNILA, embora enriquecedor, também gera tensões. O convívio entre diferentes nacionalidades, línguas e referências culturais pode produzir conflitos, mas também favorece a construção de novas perspectivas sobre a docência e o ensino de História, em uma formação que valoriza a alteridade.

No contexto nacional, a formação de professores tem sido marcada pela expansão de cursos a distância e pela redução do espaço para reflexão crítica. Muitos programas de licenciatura tendem a preparar docentes apenas para a reprodução de conteúdos, reforçando a lógica da eficiência e da padronização. Nesse cenário, a UNILA se apresenta como uma alternativa, ao valorizar a experiência, a reflexão teórico-prática e o contato direto com a escola por meio de Estágios Supervisionados e Laboratórios de Ensino como espaços de experimentação pedagógica, onde os licenciandos desenvolvem projetos de pesquisa, materiais didáticos e práticas interdisciplinares que dialogam diretamente com as especificidades da região e da América Latina. Assim, tanto os estágios quanto os laboratórios cumprem um papel fundamental na construção de uma identidade docente crítica, criativa e atenta às demandas concretas da educação básica.

Essa perspectiva está alinhada ao que propõe autores como Nóvoa (2002, 2019), que defendem a centralidade da experiência e da formação crítica no desenvolvimento docente. A proposta da UNILA busca justamente romper com a ideia de professores “semi-ignorantes” formados apenas para atender às demandas do mercado, promovendo em seu lugar uma formação comprometida com a diversidade e com a construção de práticas pedagógicas significativas.

Retorno então à minha primeira pergunta do trabalho, com novos desdobramentos. Como alguém se torna um professor na UNILA? Quais são as problemáticas que permeiam a formação de professores de História nesta universidade que possui tantas questões internas e específicas? De que modo essa formação multicultural, com diferentes perspectivas, influencia na experiência de “torna-se professor” (Nóvoa, 2019, p. 6)? Quais são as problemáticas que essa formação traz

consigo? Ela consegue contemplar todas as dinâmicas da atuação docente contemporânea? Quais influências em torno da formação específica na UNILA incidem na prática profissional dos docentes formados pela instituição?

O caminho em direção a uma formação docente cada vez mais automatizada e sem reflexão crítica é um projeto que ganha cada dia mais força na sociedade neoliberal. Os professores são formados única e exclusivamente para serem reprodutores dos fatos assim, tornando-os: “semi-ignorantes”. As complexidades das disputas em torno da cobrança por professores mais eficientes é antagônica estruturalmente dentro da ótica neoliberal, pois da formação inicial até à prática profissional as lacunas parecem se tornar sempre mais contínuas e profundas, a metamorfose da prática docente é inevitável e cíclica, mas por muitas vezes individualizada.

Dessa maneira, a UNILA tenta conduzir um projeto com uma perspectiva diferente, mais crítica para determinadas questões, como a atuação docente e a diversidade étnica-latinocaribenha. Diante desse conjunto de tensões, propostas inovadoras e desafios ainda em aberto, torna-se essencial olhar para além dos documentos institucionais e das diretrizes curriculares. É nas vozes daqueles que viveram o curso, em suas histórias, expectativas e dificuldades, que se encontram pistas valiosas sobre o alcance real da proposta da UNILA e de suas lacunas. Por isso, o próximo passo desta pesquisa é ouvir os egressos da Licenciatura em História, professores que já atuam na educação básica e que, a partir de suas experiências, podem revelar como a formação recebida dialoga com as exigências cotidianas da docência. As entrevistas com esses sujeitos não apenas dão vida aos debates aqui levantados, mas também permitem compreender de maneira mais concreta o que significa, na prática, tornar-se um professor de História formado pela UNILA.

3. ENTREVISTAS COM EGRESSOS

Foram realizadas entrevistas com três professores de História, egressos do curso de História – Licenciatura da UNILA, todos com pelo menos dois anos de experiência docente na educação básica. Os entrevistados, por sua vez, foram contatados a partir de redes pessoais com discentes e docentes da universidade, já que muitos alunos retornam aos seus países e estados de origem após a conclusão do curso.

As entrevistas foram realizadas de forma online pela plataforma *Teams* em fevereiro de 2025, cada uma com duração aproximada de 40 minutos. Antes do encontro, os participantes receberam o roteiro estruturado de 20 perguntas¹, o que permitiu que se preparassem para os temas a serem abordados. Esse roteiro buscou assegurar que certos pontos centrais fossem discutidos,

¹ Disponível no Anexo A.

mas sem restringir o diálogo, possibilitando que cada entrevistado compartilhasse livremente suas memórias, percepções e experiências. As entrevistas foram gravadas com a autorização dos participantes para consultas futuras. Os participantes também permitiram o uso de seus nomes verdadeiros nesse trabalho.

A opção pelas entrevistas buscou valorizar a singularidade das trajetórias de cada participante e dar espaço para que cada um narrasse sua experiência de forma própria. Esse contato direto permitiu acessar informações e nuances que dificilmente seriam acessados por meio de questionários ou outras metodologias de pesquisa. Assim, as entrevistas se configuraram não apenas como uma técnica de coleta de dados, mas como um espaço de diálogo e reflexão compartilhada.

3.1 Perfil dos entrevistados

- **Júlia Piolli dos Santos** – 28 anos, Graduada em História pela UNILA (2016–2019), atua há quatro anos no ensino médio, em escolas privadas de Osasco-SP.
- **Rogério Anderson da Silva** – 41 anos, Graduado em História pela UNILA, professor há sete anos em escolas públicas e privadas do oeste do Paraná. Viveu parte de sua vida no Paraguai e se reconhece como “brasiguai”.
- **Rafaella Barbosa Alparone** – 28 anos, Graduada em História pela UNILA (2016–2020), atua há cinco anos no Rio de Janeiro. Teve experiências docentes ainda durante a graduação, em cursinhos pré-vestibulares.

Os três entrevistados destacaram a singularidade da UNILA como espaço multicultural. O convívio cotidiano com colegas de diferentes países, os eventos culturais e a presença de docentes estrangeiros foram apontados como experiências transformadoras. Todos ressaltaram a importância dos Laboratórios de Ensino e Estágios Supervisionados, considerados momentos decisivos na construção de uma identidade docente. As disciplinas ligadas à América Latina, embora vistas como enriquecedoras, também foram acompanhadas da percepção de lacunas em áreas mais tradicionais, como História Antiga e Medieval.

A seguir, apresentarei de maneira geral as entrevistas realizadas, destacando os principais pontos observados e os tópicos que se entrelaçaram.

Julia Piolli dos Santos, 5 de fevereiro de 2025

Julia Piolli dos Santos, nasceu em 11/03/1997, atua como professora desde 2021, totalizando 4 anos de docência, neste tempo atuou integralmente na rede privada da cidade de Osasco-SP. Sempre desejou cursar História, mas não se imaginava como professora. A escolha de cursar História na UNILA veio em razão do cursinho pré-vestibular que frequentava, onde promoviam visitas a diferentes universidades, uma delas a UNILA. Conheceu o projeto que falava sobre um currículo voltado para América Latina e se interessou. Cursou entre 2016 a 2019, durante a graduação as matérias relacionadas a artes e as de patrimônio cultural foram os principais pontos ressaltados e os professores que ela teve mais afinidade foram a Ana Uhle, Endrica Geraldo e Hernan Venegas Marcelo.

O início da jornada de docente foi conturbada, pois o primeiro ano de formada foi durante a pandemia e quando assumiu efetivamente o cargo de professora de História se deparou com 13 turmas de Ensino Médio, além de dificuldades no funcionamento da estrutura escolar, a alta demanda de salas dificultou uma transição mais tranquila, tendo bastante dificuldade no início da prática docente.

[JULIA PIOLLI] A gente brinca que a faculdade não prepara a gente para a sala de aula, não prepara você para as situações que você vai ter que mediar dentro de sala de aula, você não sai preparado para isso, que são coisas que a vida profissional vai te ensinar.

Julia citou a importância da metodologia ativa dentro de uma sala de aula, entendendo qual o contexto socioeconômico de seus alunos, faz ser possível construir uma aula que tenha sentido para eles e fale sobre a realidade. Dessa maneira, a UNILA exerce uma função crucial no desenvolvimento de suas aulas, sendo importante pelos aportes teóricos-metodológicos que foram se formando ao longo da graduação.

[JULIA PIOLLI] Quando eu vou preparar um conteúdo para os alunos, sempre busco entender o que aquele aluno já sabe sobre isso, qual a formação de vida daquele aluno, quais são as bases culturais que aquele aluno têm, qual a estrutura familiar daquele aluno, é difícil fazer isso, mas torna tudo mais fácil.

Julia trabalha em duas escolas com modelos distintos, uma construtivista, onde possui uma maior flexibilidade sobre o conteúdo e sua aplicação, já a outra dentro do modelo Objetivo, apostilado e estruturado, sem tanta flexibilidade para alterações ou realizar atividades que fujam da estrutura da apostila. Uma experiência interessante foi quando, dentro da escola construtivista, Julia teve a oportunidade de realizar uma matéria eletiva que falava sobre as ditaduras na América Latina, assim permitiu dialogar sobre diferentes países latinoamericanos e contextos históricos

semelhantes. Mas essas atividades são esporádicas, não podendo ser aplicadas em todos os anos e turmas, mas comenta sobre o interesse dos alunos por atividades dentro dessa perspectiva, que auxiliem a compreensão do outro e busque a criticidade.

[JULIA PIOLLI] No ano passado para os alunos do Ensino Médio, lecionei uma disciplina eletiva sobre ditaduras do cone sul, a escola adorou, acharam massa a eletiva, no final eles produziram panfletos informativos, a gente relacionou a ditadura ao futebol, a gente estudou música, a gente estudou documento, foi uma disciplina muito diversa que os alunos adoraram.

Para Julia os alunos desejam um ensino crítico, principalmente no ensino médio, nessa faixa etária existe um olhar para o mundo em uma postura mais crítica, ainda respeitando as condições socioeconômicas desses indivíduos. Ao mesmo tempo, para ela é mais simples relacionar as questões latino americanas com os alunos do fundamental, o aluno quando cresce se condiciona a olhar para mídias estadunidenses e hegemônicas, que não valorizam a identidade americana.

Dentro disso, as mudanças que foram promovidas pelo Estado como a BNCC e o Novo Ensino Médio, que tem como objetivo promover um ensino de qualidade, não alcançam isso, priorizam a matemática e português por causa das avaliações externas, enquanto as matérias de humanidades são postas em segundo plano, reduzindo sua carga horária e aumentando os conteúdos que devem ser concluídos dentro desse tempo reduzido de aula.

[JULIA PIOLLI] As leis de obrigatoriedade do ensino — brasileiro, História de América Latina, elas fazem o conteúdo estar ali, então eles estão presente no livros e nos materiais, o conteúdo ele existe mas o que acontece muitas vezes é que os professores passam por cima, não dão importância, o mais importante é estudar História geral da Europa e História do Brasil.

Julia ressaltou a importância das matérias de Laboratório que o curso de História da UNILA oferta, o processo de integração latina, na visão dela, é bem sucedido e proveitoso. Além de apontar que vários dos materiais que ela consumiu durante a graduação foram reutilizados durante suas aulas, porém aponta a escassa presença de conteúdos como História Medieval e Antiga ao longo da formação, que tiveram que ser estudados para o exercício pleno da profissão docente, mas a formação na UNILA foi única e imersiva para Julia.

[JULIA PIOLLI] Me enxergo como uma boa professora e devo isso a minha formação na UNILA, acredito que se tivesse estudado em outra universidade eu não teria tido os aporte metodológicos que eu tive, não teria tido a imersão que eu tive dentro da UNILA no ensino de História, os laboratórios eles são fundamentais, eu acho o ponto forte do curso de História Licenciatura na UNILA são os laboratórios, o momento que a gente discute as práticas docentes, mesmo que a gente ainda não tenha estado dentro de sala de aula.

Rogério Anderson da Silva, 10 de fevereiro de 2025.

Rogério Anderson da Silva, nasceu em 19/05/1984, atua na área docente desde 2018, completando 7 anos de profissão. Formado na primeira turma do curso de licenciatura, lecionou tanto em instituições privadas e públicas nos municípios de Foz Do Iguaçu, Medianeira e São Miguel. Rogério nunca se imaginou como professor, a própria graduação fez com que despertasse o interesse na prática docente, se formando não apenas em História, mas como professor de História. Mesmo cursar uma graduação era incerto para ele, não havia tomado a decisão de que curso seguir, mas sua vivência o levou para História, em especial para UNILA.

Rogério se considera um Brasiguaió, viveu parte de sua vida no Paraguai e no Brasil, quando conheceu o projeto e a proposta da UNILA, que busca compreender esse mundo latino-americano e suas interconexões, se interessou de imediato, pois para ele seriam dadas às respostas de suas questões internas.

[ROGERIO ANDERSON] Eu tinha iniciado o curso de História em outra universidade, mas aí quando tomei conhecimento da UNILA falei ‘caramba’, algo que fala de América Latina e eu me considero não necessariamente só um brasileiro, então foi aí que eu falei, pode ser uma boa ir para UNILA.

A importância da vivência na UNILA para sua formação como professor, mas também como indivíduo foi marcante. Tendo acesso a diferentes culturas dentro e fora do espaço da universidade, interagindo e aprendendo com diferentes pessoas, desde discentes aos docentes, das mais diversas nacionalidades e regiões. Durante a graduação as matérias que mais cativaram Rogério foram as de Educação, LAB e Estágio, além de FAL. Entender as dinâmicas acerca das relações latinoamericanas e os pontos nos quais se convergem historicamente e contemporaneamente, além do ensino de História como fonte de pesquisa e conhecimento, para ele essa etapa se apresentou essencial para a decisão de se tornar professor.

[ROGERIO ANDERSON] Quando eu tomei conhecimento, por exemplo, fiz as primeiras leituras em FAL, Fundamentos de América Latina, foi algo que eu falei ‘caraca’ então quer dizer que existe (incompreensível) entre os processos da América Latina como um todo (...) Mas para mim, cara o que mais me pegou foi quando eu comecei a estudar ensino de História, foi onde eu falei ‘peraí, eu acho que talvez eu possa ser professor’

A transição do mundo acadêmico para a vida de professor foi tranquila para ele, conta do grande preparo teórico e prático que havia tido, principalmente nos Estágios, além das trocas de experiências com professores, buscando metodologias condizentes com sua realidade, nisso aponta a importância das matérias de LAB e Estágio para que essa transição mais compreendida pudesse ocorrer.

[ROGERIO ANDERSON] Esses Estágios são determinantes para você ter uma boa relação em sala de aula, para você não ter impacto tão grande na transição ser estudante, ser professor (...) Quando eu saí da universidade e entrei na escola pública tudo que eu fazia basicamente na escola vinha carregado de uma reflexão teórica de ‘caraca, era isso que esse autor tava falando naquele lugar’ (...) Essa ideia de formar um professor teórico-prático, ao menos para mim, eu senti isso visível, eu fui para sala de aula, eu consegui fazer essa relação com essa teoria com a prática

Essa relação do professor teórico-prático, colocando o aluno no local de produção do conhecimento dentro das aulas, a fim de entender as individualidades de cada estudante, para então agregar no processo de ensino-aprendizagem na construção da aula. Quanto aos conteúdos de América, Rogério destacou que busca reproduzir alusões ao cotidiano dos alunos, trazendo exemplos práticos das vivências do professor e dos estudantes, buscando assim uma História Comparada da América.

[ROGERIO ANDERSON] Eu percebo por meio da formação que eu recebi na UNILA o conteúdo não é o objetivo da aula, o conteúdo é algo para se alcançar o objetivo, mas não é o objetivo em si, então eu acho essa a primeira diferença muito significativa que eu consigo perceber entre as formações (em relação a formação da UNILA sobre outras universidades), outra coisa que me chama atenção é, talvez seja uma impressão minha, mas me parece que a valorização do aluno também, o modo é observado quanto sujeito do conhecimento é totalmente diferente do modo como eu olho para eles, por meio de todo um referencial teórico que eu consumi ao longo do curso e depois dele, dos demais professores (...) (exemplo) eu entro numa sala de aula e tem um aluno(a) racista, que ela aprendeu isso em casa, então é educação dos pais, então eu ignoro? E mantenho meu trabalho e finjo que nada aconteceu? Porque a educação foi dos pais, então eu não preciso me envolver. Então se eu sou um agente ali do processo de produção do conhecimento e minha função é, em alguma medida, trazer outras leituras de mundo que contribuam para que esse sujeito interprete a sua carência de orientação, sua ignorância em relação ao tema, eu vou entrar no campo da educação, nesse sentido mais familiar.

Para suas aulas, Rogério destacou já se apoiou em fontes e materiais que compuseram sua formação, como mapas, documentos e documentários, que permitiu estudar a História da sala de aula como historiadores, com fonte e metodologia, além de sempre que possível atualizar os materiais e suas fontes, melhorando a qualidade e a diversidade dos métodos de ensino.

Uma experiência interessante foi quanto a presença de alunos estrangeiros em suas turmas, comum na região da tríplice fronteira, que permitem interações e dinâmicas pedagogicamente únicas, permitindo trazer diferentes visões de mundo que contrastam com a realidade brasileira, além de expor os alunos brasileiros ao espanhol, sendo mediador.

Sobre as dificuldades do ensino são as velhas/novas demandas dos professores, o excesso de alunos por sala, uma grande quantidade de conteúdos, as estruturas escolares, são pontos levantados por ele, argumenta sobre que muitos dos conteúdos poderiam ser um mais enxugados, reduzindo parte da sua carga horária reservada, citou como exemplo dos períodos clássico e

medieval, que tomam cerca de quase todo conteúdo previsto do 6º ao 8º ano, essas experiências muitas vezes não conversam com as realidades dos alunos.

Nessa perspectiva, aponta como as avaliações externas priorizam as áreas de matemática e português e as complicações em torno disso, caso a escola não atinja as médias impostas pelo Estado, existe a possibilidade de redução parcial dos salários dos professores, o que acarreta em uma série de consequências negativas para prática docente e também para a formação dos alunos.

Rogério ressaltou a importância da formação da UNILA para sua prática profissional, exaltando os materiais e os conteúdos didáticos que foram apresentados ao longo de sua formação, assim permitindo a ele se transformar em um docente capaz de atender as demandas e problemáticas que a vida de professor pode vir a apresentar.

[ROGERIO ANDERSON] Eu acho que ela (a UNILA) traz muito mais pontos positivos do que negativos, ou seja, tá trabalhando coisa que teoricamente tem mais sentido para você implementa e até ai tudo bem, então eu não vejo assim como crítica ... eu acho que em grande medida se ainda está sendo adotada essa postura de tornar um professor pesquisador, teórico prático, professor pesquisador, eu acho que a UNILA está no caminho muito correto, o mais importante do que decorar conteúdos para trabalhar com meu estudante e o saber pesquisar sobre esse conteúdos, saber buscar sobre esses conteúdos e principalmente: o que eu faço depois que eu encontrei (...) eu percebo de que modo geral, praticamente tudo isso que eu estudei na UNILA eu acabo utilizando então como é que eu vou chegar e falar que tem que mudar

Rafaella Barbosa Alparone, 17 de fevereiro de 2025.

Rafaella Barbosa Alparone, nasceu em 04/05/1997, atua na docência a cerca de 5 anos, trabalhou em instituições públicas e privadas do Estado do Rio de Janeiro, porém já teve experiências como professora ainda na graduação, dentro de cursinhos pré-vestibulares como o INGRESSA, da UNILA. Sua relação com a matéria História dentro da escola sempre foi um tanto conturbada, não gostava da matéria, tinha problemas com a professora, o conteúdo não parecia interessante, realmente não fluia. Mas essa relação melhorou quando entrou no ensino médio, tendo acesso a diferentes docentes e metodologias, houve também uma aproximação dos movimentos sociais e estudantis, que promoveram a ela uma visão mais crítica sobre o mundo, nessa perspectiva, a prática docente começou a chamar sua atenção.

A escolha da UNILA passou pelas altas concorrências das universidades do Rio de Janeiro, mas o projeto de integração latinoamericano que ofertava o currículo também foi importante para a decisão.

[RAFAELLA ALPARONE] Já gostei muito (da UNILA), pela proposta de integração da América Latina, a proposta do foco do currículo na américa latina, e fui assim do nada, em uma semana eu conheci a UNILA e na outra eu já botei minha nota (no SISU) ... mas com certeza o que me motivou foi a proposta de integração da América Latina de um currículo, uma formação, voltada para isso.

Rafaela cursou História na UNILA entre 2016 a 2020. Para ela, o processo de formação da UNILA é transformador pelas diversas vivências que a universidade apresenta, seja pela comida, pelas músicas e as trocas entre docentes e discentes, existe um processo dentro da formação da UNILA que inerentemente vai afetar sua maneira de conceber o mundo. Dentro da graduação, as matérias de ensino de História foram as que mais chamaram sua atenção, ministradas pelos professores Tiago e Juliana, os Laboratórios e os Estágios se tornaram fundamentais para sua formação como professora.

[RAFAELLA ALPARONE] Pela própria proposta que ela ta fundada (a UNILA) ela não tem como ser de outro jeito então, seja qual pessoa for para UNILA, seja pela motivação da integração da América Latina ou não, ela vai ser afetada, sua formação vai ser afetado por isso, então toda a estruturação da UNILA, pelo menos no meu curso História, todo o cotidiano, os eventos da faculdade, os professores que chegam, às pessoas que você encontra, a hora do intervalo você tá em contato com músicas, com comidas, com pessoas de várias parte do Brasil e da América Latina, faz você se transformar como pessoa.

Rafaela destacou a chegada na sala de aula como bastante difícil. Ela conta que nas primeiras aulas precisou ministrar cerca de 9 turmas diferentes, o que dificultou uma passagem mais tranquila. Questões burocráticas de sala de aula não fazem parte da formação, esse cotidiano escolar não está dentro das dinâmicas acadêmicas, além da falta de determinados conteúdos curriculares que a formação da UNILA apresenta.

[RAFAELLA ALPARONE] Na UNILA a gente não tem uma formação curricular tradicional, então existem muitas matérias focadas em América Latina (...) Não existe aquela grade curricular seguindo a periodização como tem em outras faculdades tradicionais, então quando a gente chega na escola, a gente encontra essa periodização e o caderno curricular de orientação de um município ou de um Estado, ele pede para que você cumpra aquilo, então querendo ou não, a gente precisa saber de tudo da História tradicional do mundo para dar aula

Suas experiências nas instituições privadas revelam as intensas cobranças e os assédios de trabalho que recebia durante a jornada, logo quando teve a oportunidade de um emprego na escola pública abraçou a vaga pelas condições de trabalho, mas em contrapartida tendo que se submeter a contratos temporários e outras pressões internas, que precarizam o ensino e o exercício da prática docente.

A aplicabilidade dos conceitos teóricos e metodológicos são importantes, mas podem se tornar vazias se não forem corretamente ministradas. Por isso, a imagem do professor se torna essencial para entregar o mínimo de cultura latinoamericana compartilhada para os alunos, já que eles provavelmente vão ser engolidos pela indústria cultural estadunidense, logo o professor é essencial como agente social, promovendo o mínimo de capital cultural para seus alunos.

[RAFAELLA ALPARONE] Acho que aparece sempre que dá na verdade (sobre os conteúdos de América Latina no currículo escolar), é uma tentativa de sempre puxar para a nossa realidade e promover para os alunos o mínimo de Capital Cultural latinoamericano que eles não vão ter acesso em outro lugar porque, enfim, a indústria cultural entrega só coisas estadunidenses e europeia

A presença de mapas interativos, documentos, filmes, músicas e outras metodologias que utilizam dos conhecimentos prévios dos alunos são parte das aulas da professora, buscando dar sentido a partir do cotidiano dessas crianças. Existe ainda uma tendência onde os alunos se vinculam a conteúdos históricos referentes à guerra ou batalhas antigas, mas há um ótimo retorno pedagógico quando as aulas possuem conteúdos de América pré-colonial, período das independências e também das ditaduras latino-americanas.

[RAFAELLA ALPARONE] Gosto de trabalhar muito com mapa com eles (os alunos), tanto mapa trazendo a tela, trazer mapa interativo de ir navegando pelo mapa mesmo, tem aquele site Geocron, que mostra a data, as transformações ou então os mapas impressos para eles dividirem, anotarem, escreverem, pintarem, o mapa invertido da América-Latina, sempre trago essa ideia também, geralmente no 7º ano para falar sobre eurocentrismo, a parte das independências é uma coisa que eu gosto de trabalhar muito. Eu trago muito, quando a turma gosta, eu tento perceber o que a turma gosta, mas gosto muito de futebol, então eu tento relacionar a América Latina com o futebol, a partir das independências, relacionando os líderes de cada um como um grande time da América.

Quanto às dificuldades, ela visualiza na própria estrutura escolar, que possui um forte sistema de vigilância e ao mesmo tempo de uma alta demanda de trabalho, da falta do cumprimento de diversas políticas que deveriam ser básicas, como o pagamento de regência e da preparação das aulas. Ou seja, o professor não é beneficiado por tentar promover um ensino de qualidade e trabalhoso, a pressão pelo resultado e pelo próprio mercado de trabalho docente acaba por se tornar um sistema predatório, que favorece aqueles que não se submetem às determinadas políticas.

Apesar de todos os problemas, a UNILA exerce uma função essencial na formação, identificação e exercício da profissão docente, comenta como não exerceria outra profissão, se não a de professora. Rafaella comentou sobre como determinados assuntos ao longo da graduação poderiam aparecer com mais respaldo para a realidade dos professores no Brasil, determinados tópicos como História antiga poderiam estar presente na grade curricular, mas com as devidas críticas e problematizações de uma perspectiva decolonial, justamente para dar essa fundamentação teórica para o exercício pleno da profissão, ainda se fundamentado nas premissas da UNILA.

[RAFAELLA ALPARONE] Apesar do cenário ser péssimo e a gente têm que ter consciência de que ele é péssimo, eu nunca escolheria outra profissão, quando a gente se identifica com a educação, é isso que a gente tem que fazer. E a educação é um trabalho com pessoas, trabalhar com pessoas é muito difícil, é lidar com muitas realidades e muitas questões o tempo todo, mas ao mesmo tempo é muito gostoso, existe uma resposta em sala de aula, que a gente precisa se apegar a ela, que são alunos pontuais, questões pontuais, é

uma turma que te acolhe (...) por mais que existam políticas de controle a gente trabalha com formação humana e se a gente já tem acesso a uma formação, como é a formação da UNILA, bastante preocupada com a formação humana, bastante preocupa em trazer sentido para a vida dessas pessoas (alunos), bastante preocupada em trazer esse olhar para América Latina, que é uma realidade mais próxima e por isso faz mais sentido, já temos uma boa parte do caminho andado, o mais importante é não se perder no sentido do nosso trabalho, e entender que é um trabalho como qualquer outro, vai ter um monte de parte ruim como qualquer outro, um trabalho que vai ter um monte de burocracias como qualquer outro.

4. DESAFIOS DA PRÁTICA E ATUAÇÃO DOCENTE

Inicialmente, é interessante observar os pontos em comum que trazem os relatos. O primeiro ponto coloca as especificidades da graduação na UNILA, mesmo dentro do contexto brasileiro a diversidade das pessoas que frequentam o espaço permitem criar choques de convívio nacional, quando elevados a multiculturalidade da América Latina, que também possui suas diferentes realidades regionais, sotaques e hábitos, permite desenvolver um universo próprio e interno de funcionamento dentro da UNILA, que possibilitam enxergar diferentes horizontes e perspectivas, não só de maneira subjetiva, mas de forma epistemológica, expandido pelas diferentes formações dos docentes de diferentes países, faz com os espaços de troca dentro da universidade se tornem prolíferos para conformar uma formação única e diferenciada.

Os relatos de Júlia, Rodrigo e Rafaella apontam quanto essas experiências extracurriculares da UNILA desse espaço único de formação e troca, a “feirinha”, evento de venda de artesanato e alimentos, é comentada em todos os relatos, onde se permite trocas e contatos com o novo e o outro. O aprender espanhol, o identificar os sotaques, sanar suas dúvidas linguísticas e acadêmicas, esse local de troca corrobora para o desenvolvimento de uma profissionalização docente única, essas experiências compartilhadas são relatadas nas entrevistas de maneira relativamente semelhante, o espaço em torno da UNILA permitiu que desenvolvesse um olhar quanto a alteridade, a percepção e a compreensão sobre o diferente.

Aqui ressalto a experiência individual de Rogério que, por atuar profissionalmente na região de fronteira, teve diversos alunos internacionais nas escolas que atuou, diferente de Júlia e Rafaella, e valoriza a formação da UNILA por fornecer, além de sua experiência individual, uma perspectiva epistemológica da atuação docente e da alteridade dentro da prática ensino-aprendizagem.

Os entrevistados pontuaram a importância dos modelos e debate nas matérias de Ensino específico de História, os Estágios e os Laboratórios, que possuem na matriz curricular da UNILA ao todo 6 semestres e 900 horas da Carga Horária do curso de História Licenciatura, fora as outras matérias que visam debater o ensino de História. De acordo com os depoentes, os debates presentes nesses componentes foram dos momentos mais cruciais para o desenvolvimento de suas

identidades para a atuação docente, a partir da reflexão teórica-prática estes componentes curriculares trouxeram, alinhadas às atividades práticas de ensino como as de frequentar a escola, planejar e aplicar as aulas, etc. Foram determinantes para construção de um olhar docente, contrariando em partes as experiências das bibliografias consultadas, onde a formação e identificação docente foram mais vinculadas às memórias passadas as da formação inicial, como as do ensino fundamental e médio.

A UNILA fez parte de um processo fundamental na formação profissional destes sujeitos, os relatos destacam que Julia e Rogério não queriam ser professores de História, eram caminhos distantes, Rafaella destaca que as experiências dos Estágios obrigatórios foram determinantes neste processo. Assim afirmo que o produto final da graduação é, sem dúvidas, o resultado de todas essas certezas e incertezas do sujeito, das dificuldades e abandonos de determinadas experiências em detrimento de outras, mas que só podem acontecer se estiverem inseridas em um ambiente que permita essa vocação florescer.

Dessa maneira, às matérias de Laboratório e Estágio foram todas prestigiadas nas entrevistas pelo fator reflexivo à prática docente inerente em suas discussões, sendo crucial no desenvolvimento de uma atuação docente mais resoluta e em direção a uma identidade profissional. Não existe atuação docente sem reflexão teórica e prática, é preciso se apoiar nas experiências passadas e identificar nossas próprias problemáticas da atuação para a construção de uma rede de troca extensiva e reflexiva quanto a atuação docente, permitindo uma prática mais ligada à realidade.

A herança da formação na UNILA não permanece apenas nas discussões teórico-práticas e trocas de ensinamentos, senão, na própria reutilização de materiais e projetos produzidos pela universidade, permitindo então uma ligação maior entre as três vértices “Professor-Universidade-Escola” que são propostas por Nóvoa (2019), onde existem trocas diretas das produções e avanços do debate acadêmico, pois permite que os professores tragam em suas aulas os novos centros das novas discussões historiográficas. logo

Dessa maneira, os debates que envolvem a América Latina são repletos de dinâmicas próprias às das experiências dos professores como alunos universitários. Alguns citam o futebol, as ditaduras e multiculturalidade, temas transversais em experiências latinoamericanas. Por mais que o recorte da América Latina seja o mais presente nos componentes da UNILA, outros temas da historiografia são abordados com grande reflexão crítica, voltados à prática docente, abordando os novos debates dos campos historiográficos.

Os entrevistados apontam as diferenças dentro de suas práticas e atuação em relação a de outros colegas docentes de História, destacaram principalmente os tópicos que ainda são tabus,

como a questão indigenista, a falta de América Latina dos currículos, a reprodução que muitos professores ainda realizam de uma “História Repartida”, entre períodos e eras, que acabam por reforçar uma visão de uma História teleológica e anacrônica, baseada nas suas experiências.

A superação dessa conjuntura que permeia a atuação docente só pode ocorrer em tentativas de ideias como às da UNILA. Contudo, a graduação apresenta deficiências, os benefícios de sua multiculturalidade e de sua extensa reflexão teórico prática são ressaltadas, porém é recorrente os relatos da falta de determinados tópicos como “História Antiga e Medieval”, comuns em cursos tradicionais de História, contudo a formação em uma ótica geral não é afetada pela falta desses temas, sendo mais prejudicial em uma projeção de provas admissionais e concursos nacionais.

A ausência de um componente que pode criar debates mais acalorados é “História do Brasil”, que pode ser explicado pela especificidade da universidade, mas é importante de ser ressaltada sua falta na grade curricular, além de destacar que ao longo do curso o Brasil é analisado e explicado por várias interpretações historiográficas, mas as matérias sempre vão buscar fazer panoramas gerais das diversas realidade latino-americanas.

Essas experiências compartilhadas permitem comprovar os traços específicos que a graduação de História na UNILA traz consigo, refletindo em seus egressos, professores que se dedicam a debater e refletir sobre a prática docente, em especial sua atuação como professores de História, dentro de um contexto onde o professorado é cada vez mais atacado e sua autonomia é cada vez mais captura, sua validação profissional se torna obrigatória perante uma comunidade que descredibiliza sua atuação profissional, sendo estruturada na *privatização e individualização*.

O curso de História da UNILA entrega, em partes, o que ele se propõe a ser, uma graduação em licenciatura de nível superior com experiências específicas, que ficam ao longo do caminho sua multiculturalidade, seu currículo sem alguns tópicos “centrais” na historiografia, sua localização periférica em relação aos grandes centros de produção do conhecimento, seu contexto social por estar em uma região de fronteira, sua posição e percepção dentro da cidade de Foz do Iguaçu, estes elementos ressaltam nas falas dos egressos entre especificidades e similaridades .

Dessa maneira, como se forma, afinal, um professor de História na UNILA? Pela Experiência, a Experiência de estar e viver nesse envolvimento acadêmico científico único, com possibilidade para projetar um olhar outro epistemológico e de atuação docente, Experiência como Jorge Larrosa nos coloca “Aquilo que nos passa”, em uma ideia de passagem, de ceder algo, de fazer uma troca entre o sujeito e a vivência/acontecimento, Experiência é tudo aquilo que nos passa e permanece em nós, pois diversas coisas acontecem em nossas vidas, mas somente algumas deixam seus vestígio em nós, é a formação profissional é, afinal, o acúmulo das experiências.

Larrosa (2011) traduz seu sentido de Experiência em várias línguas, não falo Francês ou Alemão, mas enxergo o castelhano como a melhor síntese de seu conceito, no português seria algo como “aquilo que nos acontece”, mas o “pasa” é o que melhor consegue exprimir sentido dessa ideia que Larrosa nos traduz, a ideia de que a Experiência é o espaço de troca entre o sujeito e aquilo que lhe acontece, a experiência seria justamente o que sobra entre o sujeito e esse acontecimento que lhe atravessa, e é totalmente pessoal, subjetivo, alterável e resignificável. É a maneira como esse sujeito cultiva as coisas que ficaram dos acontecimentos que passaram sobre ele.

Se a experiência é “isso que me passa”, o sujeito da experiência é como um território de passagem, como uma superfície de sensibilidade em que algo passa e que “isso que me passa”, ao passar por mim ou em mim, deixa uma vestígio, uma marca, um rastro, uma ferida. Daí que o sujeito da experiência não seja, em princípio, um sujeito ativo, um agente de sua própria experiência, mas um sujeito paciente, passional. [...] a experiência não se faz, mas se padece. A este segundo sentido do passar de “isso que me passa” poderíamos chamar de “princípio de paixão” (Larrosa, 2011, p.8).

No sentido de que o torna-se professor é o resultado de tudo “aquilo que nos passou” ao longo do nosso percurso como alunos, as coisas que ficaram, que foram deixadas ou ignoradas, as que foram cultivadas e prestigiadas, os “modelos” e “contra-modelos”, ao longo da nossa caminhada como alunos e durante a formação. Muitos eventos acontecem em nossos percursos, mas somente alguns “nos pasa” e deixam sua comprovação dessa Experiência, no sentido de Larrosa.

A Experiência possui muitos sentidos, existem diversas formas de se interpretar este processo. Assim que, visualizar a formação e identificação docente como produto direto das experiências subjetivas, das coisas que passaram pelo sujeito, é uma das formas que permitem reflexões acerca da atuação docente individual, porém também de entender que existem experiências compartilhadas nesse emaranhado de subjetividade, como é o caso da UNILA, que está envolto de um grupo muito específico, que produz até sua própria cosmovisão, se é que posso dizer isso.

É possível criar redes de apoio docente através das coisas que se convergem nas experiências de identificação e profissionalização docente, das coisas que nos passam. Existe uma relação direta entre Experiência e a atuação docente, uma vez que a experiência é essencial no exercício de qualquer profissão, mas do que isso, o processo de identificação da profissão está refletida desde a introdução pré-profissional e os acúmulos das Experiências subjetivas que conformam não só o profissional, mais bem como o indivíduo.

É devido a este processo, das coisas que ficaram e permanecem muito, também das que passaram e não ficaram tanto, que o profissional docente é formado e se identifica com sua

profissão. Graças ao conjunto de tudo que lhe passou e ainda vai passar, pois, como já nos destacou Huberman (1989), todo o professor tem seus ciclos profissionais, não exatamente pré-definidos, mas que se conversam e estão envoltos de uma grande reflexão quanto sua atuação, além de comporem uma “formação continuada” que abrange a carreira docente, dessa maneira a própria atuação se torna espaço de reflexão da prática.

A formação da UNILA passa sobre seus egressos, assim é indissociável a Experiência da formação inicial na prática docente, principalmente de uma que leva toda uma multiculturalidade própria. Uma formação que interpreta a realidade, epistemologicamente, de uma maneira diferente, que olha as experiências humanas no tempo e valoriza cada uma em seu devido contexto, prestigiando a complexidade das relações humanas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho partiu da pergunta: **como alguém se torna professor de História na UNILA?** A investigação, baseada em entrevistas com três egressos do curso de História – Licenciatura, buscou compreender de que modo a formação inicial influencia a identidade docente e se reflete nas práticas pedagógicas.

Os resultados indicam que a experiência formativa na UNILA é singular. O caráter multicultural da instituição, somado à centralidade dos Estágios Supervisionados e dos Laboratórios de Ensino, contribuiu para que os entrevistados desenvolvessem uma prática docente marcada pela reflexão crítica, pela valorização da diversidade e pela articulação entre teoria e prática. Nesse processo, a universidade não apenas transmitiu conteúdos, mas proporcionou experiências transformadoras, no sentido proposto por Larrosa (2011), que impactaram tanto a vida pessoal quanto a profissional dos egressos, consolidando um olhar latino-americano e crítico para o ensino de História.

As entrevistas, com duração aproximada de 40 minutos cada, foram realizadas em fevereiro de 2025, gravadas com autorização dos participantes, que também permitiram o uso de seus nomes verdadeiros. Antes do encontro, receberam um roteiro estruturado com 20 perguntas, mas puderam narrar livremente suas memórias e percepções, o que possibilitou acessar dimensões subjetivas e experiências que dificilmente apareceriam em outros tipos de pesquisa. Esse recurso metodológico mostrou-se essencial para compreender nuances do processo formativo e do exercício docente, revelando tanto conquistas quanto desafios da profissão. Os entrevistados destacaram contribuições centrais da formação na UNILA, como: a valorização da diversidade cultural e da integração latino-americana; o fortalecimento da relação entre teoria e prática pedagógica; o desenvolvimento

de uma identidade profissional crítica e reflexiva.

Ao mesmo tempo, apontaram limites no percurso formativo, especialmente a ausência de determinados conteúdos tradicionais, como História Antiga e Medieval, ainda exigidos em concursos e currículos escolares. Relataram as dificuldades estruturais da docência no Brasil: excesso de turmas, falta de infraestrutura, burocratização e a sobrecarga de trabalho. As políticas educacionais recentes, em especial a BNCC e o Novo Ensino Médio, foram lembradas como fatores que reduzem o espaço das humanidades, priorizando português e matemática em função das avaliações externas e esvaziando a reflexão crítica.

Assim, conclui-se que “tornar-se professor” é resultado de um processo longo e complexo, atravessado por memórias escolares anteriores, vivências universitárias e os desafios da prática cotidiana. No caso da UNILA, a formação inicial mostrou-se decisiva para a constituição de professores comprometidos com a diversidade cultural latino-americana, com a crítica ao eurocentrismo e com a construção de práticas pedagógicas mais humanas e significativas.

A ciência deve estar alinhada de maneira a interpretar o mundo de forma que conhecimento produzido seja vivo e ativo, não somente reproduzindo a ótica produtivista neoliberal, que tanto o mundo docente e acadêmico atravessam contemporaneamente. A produtividade têm que ser condenada, se está ligada a uma incessante demanda de se fazer artigos ou aulas que apenas quantifiquem o conhecimento produzido e não de fato a qualidade ou o aprendizado. Valorizar e aprender com as Experiências é um caminho possível para a superação deste quadro vigente.

Por fim, este estudo reforça a importância de metodologias que deem voz aos professores, reconhecendo suas narrativas como fontes legítimas de conhecimento. Ao registrar as memórias e experiências dos egressos, buscou-se não apenas compreender trajetórias individuais, mas também contribuir para uma rede de saberes compartilhados que fortaleça a profissão docente e a própria reflexão sobre o papel da universidade na formação de professores de História.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). *Censo da Educação Superior 2023: notas estatísticas*. Brasília, DF: Inep, 2024. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/notas_estatisticas_censo_escolar_2023.pdf. Acesso: 30/09/2025.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA (UNILA). *Projeto Pedagógico do Curso de História — grau Licenciatura*. Foz do Iguaçu, PR, 2018. Disponível em: https://portal.unila.edu.br/graduacao/historia-licenciatura/copy_of_PPCHistriaLicenciaturaapartirde2019.1.pdf. Acesso: 01/10/2025
- D'ÁVILA, Cristina Maria. Universidade e formação de professores: qual o peso da formação inicial sobre a construção da identidade profissional docente? In: NASCIMENTO, A. D.; HETKOWSKI, T. M. (org.). **Memória e formação de professores** [online]. Salvador: EDUFBA, 2007. 310 p. ISBN 978-85-232-0484-6. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso: 30/09/2025.
- HUBERMAN, Michael. O ciclo de vida profissional dos professores. In: Nóvoa, António (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1995.
- LARROSA, Jorge. Experiência e Alteridade em Educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.19, n2, p.04-27, jul./dez. 2011.
- MOGARRO, Maria João. Memórias de professores: discursos orais sobre a formação e a profissão. **Revista História da Educação**, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n. 17, p. 7-31, abr. 2005.
- NÓVOA, António. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa: Educa, 2002.
- _____ Os Professores e a sua Formação num Tempo de Metamorfose da Escola. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 44, n. 3, e84910, 2019.
- PORTELLI, Alessandro. História Oral: uma relação dialógica. In: **História Oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.
- REIS, P. As Narrativas na Formação de Professores e na Investigação da Educação, **Nuances: estudos sobre Educação**. Presidente Prudente, SP, ano XIV, v. 15, n. 16, p. 17-34, jan./dez. 2008.
- THOMPSON, Paul. Histórias de vida como patrimônio da humanidade. In: PEREIRA, J. V, WORCMAN, K. (coord). **História Falada: Memória, Rede e Mudança Social**. São Paulo: SESC SP: Museu da Pessoa: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006. p. 17-44.

ANEXO A - ROTEIRO DE PERGUNTAS UTILIZADO NAS ENTREVISTAS

1. Apresentação e trajetória docente

- 1.1. Por favor, diga seu nome, idade e há quanto tempo você atua como professor(a).
- 1.2. Você sempre quis ser professor(a) de História ou essa decisão foi amadurecendo ao longo do tempo? Conte um pouco dessa história.

2. Memórias da formação na UNILA

- 2.1. O que te motivou a cursar História na UNILA?
- 2.2. Como você descreveria sua experiência como estudante do curso de História na UNILA?
- 2.3. Há algum momento, disciplina ou professor(a) que marcou sua trajetória como professor(a)?

3. A UNILA e sua influência na prática docente

- 3.1. Como foi sua transição da formação acadêmica para a prática docente? Houve desafios específicos que enfrentou ao ingressar no mercado de trabalho?
- 3.2. Como a formação na UNILA te preparou para os desafios da sala de aula?
- 3.3. Você sente que os temas e metodologias abordados na UNILA refletem a realidade da educação básica?
- 3.4. Você sente que a formação na UNILA influencia na forma como você estrutura e/ou conduz as suas aulas? Pode dar algum exemplo?
- 3.5. Você percebe diferenças entre a sua atuação docente e a de colegas formados em outras universidades? Quais aspectos mais se destacam?
- 3.6. A história da América Latina é um eixo central da formação na UNILA. Como essa temática aparece na sua prática docente?

4. Ensino de História da América e diversidade cultural

- 4.1. Qual o tema ou assunto de História que desperta maior interesse entre seus alunos? Você percebe diferenças no interesse deles ao tratar da História da América Latina?
- 4.2. Como você costuma trabalhar a História da América Latina em sala de aula? Quais materiais ou abordagens pedagógicas você mais utiliza?
- 4.3. Você consegue conectar a realidade dos seus alunos com experiências e processos históricos de outros países da América Latina? Como isso ocorre nas suas aulas?
- 4.5. Quais são os principais desafios para ensinar História da América Latina no ensino básico?
- 4.6. Você já teve alunos de outros países? Como foi essa experiência?
- 4.7. Como costuma ser a interação entre estudantes brasileiros e internacionais nas suas aulas? Você percebe alguma resistência ou preconceito?

5. Reflexões sobre a docência e perspectivas futuras

- 5.1. Como você enxerga a profissão docente no atual contexto das políticas educacionais?
- 5.2. O que você diria para os futuros professores de História formados na UNILA, que estão terminando a formação para a docência?
- 5.3. Se pudesse sugerir melhorias na formação de professores pela UNILA, o que recomendaria?